

E se eu pudesse entrar na sua vida?

Sobre movimentos mentais da analista em busca de sua analisanda¹

Denise Zanin², Ribeirão Preto

Resumo: Este trabalho procura examinar movimentos mentais da analista em direção à busca de sua analisanda, nos momentos em que se conjectura haver predominância do funcionamento em dimensões muito primitivas da mente. A autora aproxima tais movimentações ao conceito de tropismo proposto por Bion (1992/2000), focalizando a possibilidade de um tropismo da analista em que a ação vai no sentido de criar e/ou ser criado. Os sonhos noturnos da analista (inicialmente pesadelo) são considerados pontes para atravessar cesuras entre diferentes estados mentais e incluem-se nesse processo de criar caminhos que levem ao encontro emocional com a analisanda e que sejam favorecedores de nascimentos psíquicos.

Palavras-chave: Cesura, comunicação pré-verbal, mente primitiva, sonho, tropismo.

Introdução

Estas formulações têm como base a compreensão de um trabalho psicanalítico em que se disponha, cada vez mais, a incluir – juntamente a dimensões simbólicas da mente – dimensões da experiência com predominância de estados mentais bastante arcaicos. Neste contexto, acredito que o analista necessita estar aberto para encontrar vias de comunicação que possam transitar por estados mentais diversos, principalmente pelos muito distintos dos predominantemente simbólicos.

Indo um pouco além, coloco como hipótese, surgindo como um desdobramento de uma experiência analítica em curso, que o analista possa ser convocado a sair radicalmente de estados mentais conhecidos para se dispor a uma movimentação mental de rastrear emocionalmente o analisando, que pode estar, de alguma maneira, esperando por ser

encontrado em dimensões protomentais. Se este encontro for possível, poderiam ser criadas novas possibilidades de existência para o analisando e para a dupla analítica.

Neste trabalho, procurei acompanhar o que observei como um percurso mental que foi necessário de ser empreendido pela analista para “localizar” uma analisanda – Beatriz – que era sentida, em um nível muito importante, como não estando presente (emocionalmente) nas sessões: um ser “imaterial”. Assim, destaquei um aspecto – dentre um amplo espectro de fenômenos psíquicos acontecendo em uma análise – que denominei de “um trabalho de busca” por encontrar emocionalmente a analisanda. Ao falar de busca, pressuponho que eu não esteja impregnada por aquela que é fruto de memória, desejo e necessidade de compreensão. De que buscas estou falando?

Tomando o movimento de tropismo das plantas como um modelo, pude comunicar, a mim mesma, algo que me aproximava do que eu sentia estar vivendo com minha analisanda. Percebi, retrospectivamente, minhas movimentações mentais em busca desta analisanda, assemelhando-se às movimentações de uma planta que detecta, por exemplo, indícios de luminosidade em algum lugar no ambiente e necessita (para sua sobrevivência) orientar seu crescimento naquela direção. Nesse sentido, a busca a que me refiro, não engendrada pelo ego, também era por encontrar ou criar condições que favorecessem a vida.

Aproximei minhas movimentações mentais ao conceito de tropismo, proposto por Bion (1992/2000) e, dessa maneira, focalizo e incluo a possibilidade de um tropismo também da analista, conjecturando que seja um tropismo de criação, em que a ação vai no sentido de criar e/ou ser criado. É importante ressaltar que essa possibilidade de movimentação, partindo de dimensões primitivas da mente da analista (tropismo) em direção a um encontro emocional com a analisanda, é apenas uma dimensão – dentre várias – da experiência analítica. Assim, outros processos mentais estariam ocorrendo simultaneamente, incluindo aqueles mais sofisticados, provenientes da função alfa e *rêverie* da analista.

Desse modo, partindo da experiência de análise vivida com Beatriz, falo sobre a movimentação mental da analista que se expressa na ampliação de seu “radar” mental para transitar em dimensões muito primitivas da mente. Tal movimentação mental foi sentida como vital e necessária para alcançar os sinais emanados de Beatriz que poderiam se perder no

¹Trabalho baseado no texto apresentado em reunião científica dos membros filiados do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, ocorrida em 16 de junho de 2016.

²Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

caminho, o que implicaria na construção de possibilidades de se captarem indícios de comunicações ainda difusas da analisanda que não poderiam ser consideradas identificações projetivas direcionadas a um continente.

No momento em que pude realizar essas formulações, eu já me atentava para os riscos de uma análise desvitalizada; rastreava, nos contatos com Beatriz, um aspecto morto ou que ainda esperava por nascer. A possibilidade de um encontro emocional com a analisanda que favorecesse uma vitalização do processo analítico, paradoxalmente, passou pela colheita de elementos que aproximaram a analista da construção imaginativa de dimensões não vitalizadas, de não existências e terror, em que a matriz da vida poderia estar estancada.

Coloquei em foco as movimentações da minha mente e minhas possibilidades de observação do que ia me acontecendo durante esta análise. Nesse sentido, amplia-se o *setting* formal, tomando-o essencialmente como sendo a mente da analista, a condição de preservar sua função e de contribuir para que aconteça um encontro emocional em que esta esteja incluída e possa realizar observações psicanalíticas (Frochtengarten, 2010). Tal expansão do *setting* formal tem a função de detectar a presença (emocional) da analisanda em “algum lugar” para além/aquém do que, inicialmente, podia ser incluído “na sala de análise”, favorecendo, assim, a construção de possibilidades de se viverem separações com continuidade nos contatos.

Tropismo do analista? Uma proposta

O conceito de tropismo, apesar de estar presente em vários momentos da obra de Bion, não foi sistematizado por ele, não se configurando como um conceito dentre os mais explorados – pelo autor ou por psicanalistas subsequentes – de sua obra. Utilizado de maneira plural e diversificada pelo próprio autor, carrega em seu íntimo a ideia de busca por um objeto ou de “movimento sujeito-objeto” (Montagna, 2011). Conforme nos diz Bion (1992/2000): “A ação apropriada aos tropismos é a busca” (p.47).

Da maneira como o estou compreendendo, o tropismo, enquanto um fenômeno vincular, estaria intimamente conectado à possibilidade ou impossibilidade de desenvolvimentos satisfatórios dos métodos de comunicação do sujeito, sendo fundamental para a evolução de sua vida mental. Faria fronteira com outros conceitos, como concepção e identificação projetiva.

Bion (1962/1991) utiliza o modelo da relação mãe e bebê para elucidar o conceito de concepção. Assim, coloca que o bebê teria uma disposição inata para encontrar um seio, ou seja, nasceria com uma expectativa vaga (semelhante aos “pensamentos vazios” de Kant) de encontrar um objeto, o seio, que lhe fornecesse alimento físico e sua contraparte mental, a mente da mãe, fonte de alimento psíquico. O conceito de tropismo, aproximando-se ao de concepção, também carrega a ideia de uma predisposição inata para encontrar um objeto, porém enfatiza não a espera do encontro (concepção) mas o movimento em direção à realização. Dessa forma a busca é por um objeto no qual a ação de seus tropismos – matar ou ser morto, ser parasita ou hospedeiro, criar ou ser criado – possa ser depositada.

Segundo Montagna (2011), o termo tropismo refere-se à observação de um amplo espectro de fenômenos vinculares desde a identificação projetiva – que já contém tridimensionalidade – até fenômenos ainda mais primitivos, como elementos sensoriais que poderiam servir de pistas, caso fossem apreendidas por um observador. Esse autor traz referências que permitem a compreensão do conceito de tropismo, ao longo da obra de Bion, envolvendo, desde fenômenos análogos aos movimentos das plantas, até níveis de maior complexidade, como o pensamento em busca de um continente que lhe atribua sentido.

Assim, nos tropismos, também seriam incluídos níveis protometais dos quais “brotariam” outras possibilidades de desenvolvimentos para a vida mental do sujeito. Nas palavras de Bion (1992/2000), “Os tropismos são a matriz a partir da qual brota toda a vida mental. Pois, para a sua maturação ser possível, eles precisam ser resgatados do vazio e ser comunicados” (p.48).

Outro elemento essencial, na teoria dos tropismos, seria a possibilidade de o sujeito (ou, poderíamos pensar, o analisando) ter encontrado ou vir a encontrar um objeto (mãe ou analista) que seja receptivo aos seus tropismos. De acordo com Corrêa (2008), os tropismos são os meios pelos quais uma espécie de turbulência emocional potencialmente fecunda (ou catastrófica, caso não encontre um continente adequado), pode ser projetada pelo analisando e modificada no trabalho analítico. Dessa forma os tropismos carregam o arcaico – da espécie humana – e o transformado.

No trabalho sobre tropismo, presente em *Cogitações* (1992/2000), Bion delimita a ação de busca, fundamental nos tropismos, como a busca

por um objeto para se realizarem identificações projetivas. Ainda segundo Bion (1992/2000), a criança necessitaria de encontrar um objeto que ajudasse a controlar, modificar e desenvolver seus tropismos. Compreendo, assim, que a possibilidade de encontrar ou não um objeto receptivo, o seio primitivo, seria fundamental para a maturação do tropismo, especialmente no que diz respeito a suas formas de comunicação. Nesse sentido, dependeria também da qualidade desse encontro sujeito-objeto a possibilidade de as identificações projetivas se desenvolverem como método “normal” de comunicação.

Se isso entra em colapso, o veículo de comunicação, o contato com a realidade, os vínculos de todo o tipo dos quais eu havia falado sofrem um destino significativo. Esse destino aplica-se, particularmente, às partículas comunicativas, que acompanham os tropismos involucrados, e são rejeitados tanto pela psique como pelo objeto (Bion, 1992/2000, p.49).

Assim, o tropismo poderia ficar involucrado, contribuindo ao desenvolvimento da parte psicótica da personalidade ou congelado, à espera de possibilidades para ser comunicado ou à espera de ser resgatado. Dessa maneira, o desenvolvimento dos tropismos (e da vida mental do sujeito) depende também da possibilidade de haver um objeto que perceba suas manifestações e comunicações, sendo receptivo a elas.

Retornando a minha experiência analítica com Beatriz, pergunto: O que estaria acontecendo nos momentos em que movimentos básicos de busca, por parte da paciente, parecem paralisados ou – tão tênues e difusos – não podem ser percebidos pela analista? O que teria acontecido com os tropismos de Beatriz: teriam caído no vazio?

Ademais, nessas circunstâncias, o que aconteceria com a mente da analista? Poderia se evadir? Aguardaria até que outras condições surgissem, e a analisanda pudesse “movimentar-se” até a analista? Seria tomada pela necessidade ou tendência de movimentar-se?

Proponho, nesse sentido, a possibilidade de se destacar um tropismo da analista que iria em direção à existência do analisando e de suas partículas comunicativas. Seria um tropismo de criação, de movimento em direção à busca de um objeto para ser criado ou criador. Considero ainda

que, no momento em que fosse possível o encontro criativo, ocorreria – simultaneamente – o criar e ser criado, ou seja, o nascimento, sob um determinado vértice, de possibilidades mentais na analisanda, na analista e na dupla.

O trânsito, na mente da analista, entre dimensões que se imagina serem próximas às da analisanda, mostrou-se parte fundamental deste movimento de busca citado, auxiliando na configuração de um campo que, gradativamente, favoreceria o “aparecimento”/“nascimento” de Beatriz e desenvolvimentos de seus tropismos.

Será que é de éter? Apresentando Beatriz

Olha... Será que ela é moça? Será que ela é triste? Será que é o contrário? Será que é pintura? O rosto da atriz... Se ela dança no sétimo céu? Se ela acredita que é outro país? E se ela só decora o seu papel? E se eu pudesse entrar na sua vida? Olha... Será que é de louça? Será que é de éter? Será que é loucura? Será que é cenário? A casa da atriz... E se ela mora num arranha-céu? E se as paredes são feitas de giz? E se ela só decora o seu papel? E se eu pudesse entrar na sua vida?

(Beatriz- Chico Buarque e Edu Lobo)

Por muito tempo, Beatriz me parecera “leve”, mas tão “leve” que eu mal podia senti-la. Tinha questões sendo vividas em seu corpo, mas não é a essa leveza – física – que me refiro. Tentar descrever minha experiência com Beatriz coloca-me, num primeiro momento, diante da falta de formas e palavras.

Pela idade cronológica poderíamos dizer que se tratava de uma adolescente. Tenho notícias de que, devido a complicações na gravidez, Beatriz poderia não ter nascido. É possível que, desde o útero, ela tenha sofrido a ameaça da não continuidade e ter travado intensa luta pela sobrevivência. Ainda hoje, era evidente que muitas de suas angústias estavam sendo vividas no plano somático, com poucas possibilidades de transformações que lhe oferecessem conteúdo mental.

Beatriz passava por mim fugidia, quase correndo e com os olhos no

chão, nas entradas e saídas das nossas sessões. Na sala de atendimento, continuava sem me olhar, com a cabeça baixa por algum tempo e, ao voltar seus olhos para mim, fugazmente vislumbrando os meus, sorria. Em seguida – rapidamente – definia com que iríamos nos ocupar: “vamos jogar cartas”?

Ela escolhia jogar durante todo o nosso tempo, mantendo-se focada no jogo, o que me parecia ser uma maneira de ficar com algo já conhecido e “seguro”. Pouco dirigia a palavra a mim e quase não se mexia. Da mesma maneira, eu sentia que o espaço para minhas movimentações de aproximação nos contatos com Beatriz era restrito; vivíamos certa imobilidade mental. Além disso, eu praticamente não sentia que o contato com ela me provocava emoções. Será que, nesse momento, eu não as podia captar, por estarem em uma frequência fora da que eu fosse capaz de “ouvir” e me sentir tocada?³

De modo geral, nossos contatos davam-me a sensação de que nada acontecia nas sessões. Ainda que, inicialmente, o clima fosse agradável e de alguma proximidade, com o tempo passei a ficar perturbada pelo que minha mente rastreava: algo que parecia morto, congelado ou ainda não existente. Era como se, em algum nível muito importante, Beatriz não estivesse lá comigo. Nossa interação era “sem corpo”, como algo que não se pega, se esvai. Será que “era de éter”?

Esperando por ser encontrada: movimentando-se à “sala de espera”.

Acho difícil precisar quando algo novo começa a acontecer. Talvez os fenômenos já estejam em curso muito antes que possamos apreendê-los. Mas foi então que, certo dia, através de um pensamento que de súbito passou a me tomar antes das sessões desta analisanda (*será que Beatriz já chegou para a sessão?*), percebi que eu começara a registrar uma espécie de não registro. Passei a observar o fato de que eu não registrava a entrada e, tampouco, a presença de Beatriz em minha sala de espera. Não ouvia ruídos e não notava quaisquer movimentações.

Por vezes, percebia-me movimentando-me mentalmente até a sala de espera, tentando ampliar minha capacidade de audição em busca de detectar o menor ruído! Dei-me conta de que comecei a ocupar-me com esses pensamentos com alguma frequência, algo que não costumava

³Ribeiro (2013) fala de dimensões psíquicas supra ou infrassensoriais, que estariam fora do espectro da nossa capacidade perceptiva. Propõe que a intuição poderia ser importante via de captação dessas dimensões.

acontecer com os demais pacientes.

O que estaria acontecendo comigo? Estaria eu “pré-ocupada” com o fato de que se Beatriz já chegara para sua sessão ou faltaria a ela? Até onde posso alcançar, penso que era algo que ia além desse aspecto. Considerei que, ocupar-me disso, seria uma maneira de minha mente tentar dar alguma representação que me permitisse acesso a captações ocorrendo em outros níveis, que não eram possíveis de serem apreendidos diretamente.

Aproximando-me de um aspecto levantado por Botella e Botella (1983/2002), tratando de fenômenos irrepresentáveis, penso que foi necessário que minha mente construísse algum conteúdo manifesto (a observação da “não observação” da entrada de Beatriz na sala de espera) para que eu pudesse conjecturar a respeito da presença de elementos de outra ordem. Dessa forma, acredito que eu estaria lidando com manifestações de uma mente primordial em que haveria impossibilidade de representações e, portanto, de haver registro mental das experiências.

Observei, ainda, que minha mente parecia estar começando a empreender um movimento de ir buscar Beatriz em algum outro lugar, antes de sua entrada – não apenas do ponto de vista concreto – na sala de análise. É interessante que, no momento em que esta busca passou a ocorrer, cada vez mais eu sentia que, mesmo comparecendo às sessões, Beatriz não estava ali. Comecei a intuir que algo poderia estar acontecendo em outra dimensão mental de difícil acesso para ambas. A minha captação do clima emocional das sessões havia mudado. Apesar do silêncio, eu passei a “ouvir” de fundo um ruído, que estava mas não estava incluído em nossos encontros.”

“Será que é loucura?”

Tenho notícias pela mãe de Beatriz de que, fora das sessões, ela vem apresentando momentos em que “virava outra pessoa”: gritava, chorava, se batia e se retorcia. Parecia ser jogada em “outro mundo” onde ficava fora de si e depois não fazia conexão alguma com aquele estado de “loucura”: um intenso corte entre diferentes estados mentais.

Fico sabendo que havia sido um pedido de Beatriz o contato da mãe comigo, pois, segundo relato da mãe e depois da própria analisanda, a adolescente queria me contar sobre o que vinha acontecendo com ela. Penso que havia um movimento para me incluir em algo que ficava até

então, de alguma maneira⁴, de fora e que ela não sabia como incluir na análise e nem em sua própria vida. De qualquer modo, Beatriz sinalizava que precisava de ajuda para dar notícias de um “mundo” sobre o qual ela ainda não encontrava meios de comunicar, o que ia de encontro com minha percepção de que se trataria de uma dimensão de sua mente em que suas vivências não seriam acessíveis a ela própria.

Marques (2013), partindo do pressuposto da multidimensionalidade da mente, fala sobre a presença simultânea de sentidos de existência e de inexistência e supõe “áreas do psiquismo em que a pessoa não tem registro de si mesma, e a partir das quais não seja possível reunir elementos que a apresentem ao seu senso de existência” (p.102). Quando em contato com manifestações (sensoriais) provenientes dessa área, o analisando não alcançaria a percepção de estar presente participando de vivências afetivas em uma relação e seria necessário um observador que realizasse o registro psíquico de tal condição, para que se construísse a possibilidade de incluí-la como existente.

Acredito que, sem me dar conta, minha mente já estava movimentando-se como um radar em busca de Beatriz há algum tempo, mais especificamente na direção de manifestações de dimensões que pareciam necessitar urgentemente de ser encontradas. Era como se minha disponibilidade para captar Beatriz tivesse se ampliado muito, algo que parecia se impor como fundamental para criar condições de uma existência viva de nossa relação. Segundo Montagna (2011), uma das possibilidades vinculadas ao conceito de tropismo em *Transformações* (Bion, 1962/1991), seria a “percepção de uma falta de existência que demanda existência” (p.111).

Assim, tempos depois, chega um momento em que tenho a sensação de que minha mente encontrou um “portal” que se abriu agudamente, permitindo que eu entrasse em contato com algo que se aproximaria de “outro mundo” ou – como na canção citada – de “outro país”. Beatriz, que não ficava em minha mente, passa a continuar em mim e a habitar, intensamente, o meu ser. “Será que é loucura?” Tento relatar como isso se deu nas experiências a seguir.

⁴Digo de “alguma maneira” pois, quando se pode observar de um outro vértice, esses aspectos citados acima já estavam presentes de modo não verbal: pelos cortes sentidos por mim e pela intuição de que haveria algo de perturbador “lá”, “num outro mundo”, inacessível.

“Se ela acredita que é outro país?” A abertura de um “portal” ou “lente” para outra dimensão mental

Certo dia, após Beatriz despedir-se de mim com um incomum “até amanhã”⁵, entre o abrir e fechar da porta da sala de atendimento na saída da analisanda, ouço a mãe de meu paciente que entraria em seguida (que eu não sabia que conhecia Beatriz), chamar Beatriz pelo seu nome. Embora, naquele momento, eu não compreendesse o porquê, percebo que este fato me perturbava.

Na sessão seguinte, quando abro a porta para chamar Beatriz, vejo-a sentada de cabeça baixa, acompanhada de sua mãe, o que não costumava acontecer, pois a paciente ia sozinha às sessões. Noto a expressão aflita da mãe e imagino, por um momento, que Beatriz estivesse chorando. O clima emocional é bastante carregado. Quando chamo minha analisanda para entrarmos para a sessão, vejo a expressão de terror em seus olhos.

Beatriz afirma que não quer entrar para a sessão e faz menção de ir embora: ficamos ali, em contato com aquele estado mental que parece impossível e intolerável. Quando tento dizer-lhe algo do que observo de seu estado emocional, vejo que não é possível, nesse momento, encontrar um caminho para conversar diretamente com ela. Beatriz começa a entortar os olhos e ir com o olhar para longe, retorce as mãos, aparenta “cair” numa área em que está fora de contato, inacessível. Repete: “não, não, não”. Percebo que ela não ouve nada nesse momento.

Sinto que ocupar-me da questão do entrar concretamente para a sala de análise é secundária. Penso que – nesse instante – já estamos muito “dentro”, talvez pela primeira vez, de um estado mental que ficava de fora: “o outro país”. Assim, aguardo ali na porta, entre a sala de espera e o corredor que vai para a sala de análise, em silêncio.

Então, volta à minha mente a cena da situação que havia ficado me perturbando entre a sessão passada e aquele momento e é por intermédio dessa situação que consigo me comunicar com minha paciente. Comento, como quem coloca um fato inusitado e desconhecido para nós duas observarmos, que eu havia ouvido a minha analisanda ser chamada por seu nome pela mãe do outro paciente que se encontrava na sala de espera e

⁵Beatriz costumava entrar e sair rapidamente, quase invisível, em silêncio, por vezes falando “tchau”, mas não costumava dar-me referências de que teria um “amanhã” para nos reencontrarmos. Nessa ocasião, no dia seguinte, estreariamos um horário novo, de uma sessão recém-introduzida em nossa semana.

que aquilo ficara em minha cabeça. Observo que atraio o olhar de Beatriz até então distante e amedrontado e, percebendo algum espaço para me aproximar, sento-me, próxima a ela, no tapete do chão da sala de espera.

Por que será que escolho dizer isto naquela hora para minha paciente? Seria fruto de uma preocupação do impacto que a possibilidade de ter sido vista e (re)conhecida teria para Beatriz? Estaria eu usando da memória, por estar sentindo-me perdida? Poderia ser uma espécie de intuição? Coloco para examinar com a analisanda o que este fato (de ter sido vista e chamada por seu nome) teria provocado nela e surpreendo-me com sua fala: “eu acho que eu não vi ninguém, eu não sei”! O que acontece em seguida me impacta; pouco depois, aparentando ter realmente perdido sua capacidade de percepção e subitamente a recuperado, afirma – como quem acaba de fazer uma descoberta – que conhecia a mulher em questão, mas “*ficou com medo de dizer que era uma pessoa e não ser*”.

Nessa mesma noite, tive um pesadelo. *Estava muito escuro. Em meio à escuridão, aos poucos, eu começo a enxergar, mas inicialmente vejo tudo deformado ou borrado, como uma lente fora de foco. A sensação é de algo monstruoso e extremamente angustiante acontecendo (associo com assombrações ou espíritos). De repente, em meio à atmosfera desfocada, eu avisto, ao longe, (o que consigo nomear como) um vulto. Por alguns instantes, “a lente” parecia focar e formar uma imagem, que – embora ainda não estivesse muito clara – parece ser de uma pessoa. Este focar e desfocar é muito assustador, sinto uma emoção intensa, como se eu entrasse em um novo mundo, de aparições assombrosas. Acordo bastante angustiada e imagino-me um bebê pequeno que usa óculos que não se encaixa em seu rosto.*

Este sonho provocou-me um intenso sentimento de terror. Ao mesmo tempo, ao “lembrá-lo”, parecia que não havia “nada” nele: era quase sem conteúdo! Ao tentar colocá-lo em palavras, observei um esforço meu para dar algum sentido a isso, tentando dar representações às imagens e às sensações do sonho.

Assim, quando escolho chamar aquilo que não sei o que é de “vulto” ou imagino uma “lente” que foca e desfoca e, ainda, quando tenho a ideia de que a experiência do sonho poder-se-ia aproximar da visão de um bebê pequeno com óculos que não se encaixava no rosto (portanto, poderia estar transitando nesse caminho, não enxergar, visão embaçada, visão focalizada do mundo), a dimensão de minha personalidade que faz

essas formulações é aquela que tem acesso à função alfa, provavelmente diferente da que viveu as emoções despertadas no sonho.

O curioso é que o sonho foi da analista, mas, ao acordar, predominava a sensação de que este não era um sonho como os habituais e foi Beatriz que me veio à mente: intuitivamente relacionei-o com ela, como se ele tivesse sido evocado por uma experiência emocional vivida em meu contato com Beatriz.

Frochtengarten (2010), ainda em seu texto que traz algumas reflexões sobre o *setting*, ao compreendê-lo como encarnado na mente do analista, destaca uma disposição para examinar as experiências emocionais com o analisando – presentes e ao longo do tempo – desde dentro da experiência. Assim, o trabalho mental do analista em relação a um analisando não se limitaria ao momento e espaço das sessões. Estaria eu, através desse sonho, examinando algo do encontro emocional com a analisanda “de dentro” da experiência emocional? Ou este sonho não teria relação alguma com Beatriz, tratando-se somente de questões da analista?

Ao menos, minha possibilidade de sonhar (o sonho noturno e depois “sonhá-lo” novamente conectando-o a Beatriz) parece estar contida em um movimento de abertura de novas possibilidades de contato com a analisanda que começo a sentir intensamente. Além disso, a partir desse momento, pude encontrar em mim emoções que me foram úteis para realizar formulações que eu sentia que poderiam realmente aproximar-me emocionalmente de Beatriz, em contraposição à impressão que eu tinha inicialmente de que tudo que eu pensava sobre Beatriz eram pensamentos “desencarnados”, sem peso, sem corpo e sem vivência emocional que me conectasse a ela.

De acordo com Bergstein (2014), torna-se essencial o processo ocorrido na mente do analista que seja capaz de gerar movimento entre diferentes dimensões mentais, para que haja a possibilidade de ocorrerem transformações de “barreiras mentais em cesuras” (p.130). O sonhar seria condição privilegiada para fazer essa conexão no trânsito entre diferentes estados mentais, tornando possível, através dele, se “conjecturar imaginativamente como ele cria a ponte e a continuidade entre duas mentes e, ainda assim, tendo sempre em mente a incognoscibilidade do outro” (p.133).

Em se tratando do contato com áreas irrepresentáveis, Bergstein (2014) e Botella e Botella (1983/2002) apontam a necessidade de uma

identificação mais profunda e radical do analista com seu analisando, que só seria possível nos momentos em que o analista conseguisse escapar de cair no desinvestimento ou na intelectualização, risco constante que o contato com essas áreas oferece.

Ademais, Bergestein (2014) comenta, de maneira interessante, as formulações de Botella e Botella (1983/2002) a esse respeito, dizendo que a mente do analista poderia “regredir”, de forma inesperada, para a experiência de não representação do paciente, criando-se “uma fratura com o mundo das representações”. Continua: “Esta é a fratura que o sonhar (ou às vezes um pesadelo) e o trabalho mental do analista podem transformar em cesura, um hiato com continuidade” (Bergestein, 2014, p.139).

Segundo Botella e Botella (1983/2002):

Acreditamos que o analista, diante da derrota de suas intervenções habituais, investiria, se pudesse, na via alucinatória e teria um sonho ou pesadelo.(...) Se nossa hipótese lançada sobre a função do pesadelo está correta, podemos pensar que um sentimento de terror, sinal de alarme do perigo da não representação, esteve prestes a ser despertado no analista e que este afeto devia, obrigatoriamente, procurar uma representação adequada (p.31).

Assim, através do pesadelo, eu vivia um sentimento de terror em estar transitando de um mundo de vultos, de indiscriminações para um mundo em que se começa a enxergar. O sentimento de terror que eu sentia, estaria associado a não enxergar e/ou a começar a enxergar?

Utilizei o sonho para conjecturar que a analisanda podia estar adentrando uma dimensão em que não era “de éter”, em que passa a sentir vivamente as perturbações dos contatos com as emoções humanas. O quanto poderia ser assustador, o quanto de dor estaria presente no momento em que começa a se perceber pessoa, em que passa a “achar que é uma pessoa, mas tem medo de não ser?” Estaríamos vivendo um momento de nascimento repleto de dor e terror? Parece que estamos caminhando para a inclusão de outro momento: “E se ela chora num quarto de hotel? E se eu pudesse entrar na sua vida?”

“E se eu pudesse entrar na sua vida?” Beatriz ganha corpo no sonho do analista

Ao abrir-lhe a porta, Beatriz olha-me nos olhos. Sou tomada por intensa emoção que, primeiramente, percebo fisicamente: uma sensação de “algo” subindo e vontade de chorar. Em seguida, “vejo”, num flash, uma cena em minha mente em que eu estaria chorando desesperadamente.

Beatriz senta-se no lugar habitual e nos olhamos nos olhos por alguns instantes. Percebo que seus olhos vão ficando cheios d’água. Após um tempo, começa a chorar intensamente. Sinto-me muito próxima a ela.

Entretanto, dali a pouco, percebo o olhar de Beatriz entortando, tenho a impressão de que estou prestes a perdê-la para “algum outro lugar”, como se estivesse a atravessar um “portal para outro mundo”. Então falo: *Sabe, Beatriz eu sinto que a gente tem estado muito perto. Mesmo nos dias em que a gente não se encontrou aqui, na nossa sessão... A gente vem conversando muito; sem palavras.* Vejo que Beatriz vai voltando. Nesse momento da análise já percebo momentos de profundo contato entre nós.

É interessante notar que – com Beatriz – o que eu observava no instante da porta entreaberta, no entrar e sair das sessões, bem como o que ocorria comigo nos intervalos das sessões, era fundamental. Isto teria a ver com essa busca do analisando a qual me refiro? Uma maneira de ajudar a Beatriz a construir possibilidades de atravessar dimensões mentais, de manter o seu senso de existência, de continuar nos intervalos e rupturas?

Em meio à turbulência, Beatriz parecia realmente estar nascendo em minha mente. Passo a sonhar com a analisanda presente no sonho. Percebo possibilidades de existência para Beatriz, vislumbres de esperança. Além disso, no sonho, Beatriz está em movimento, o que associo com trânsitos mentais.

Sonho que Beatriz é uma criança pequena. Ela está circulando entre as salas do meu consultório. Está acompanhada da mãe. Vai até a sala do fundo, sobe no divã, espia pela janela, parece brincar, curiosa.

Assim, começo a ouvir quando ela chega. Sinto seu cheiro quando passa por mim. Beatriz tenta encontrar palavras para falar do não saber falar, da sua dor, de como se sente diferente, até estranha. Eu também tenho momentos em que já posso encontrar palavras, imagens, memórias-sonhos que eu sinto se aproximarem do que vou vivendo junto a ela. A emoção, gerada pelo encontro, está intensamente presente; posso percebê-la nela, em mim, entre nós e, então, vamos criando registros de experiências

emocionais nossas. A possibilidade de sonhar vai se localizando dentro das sessões.

Vale a pena ressaltar, como afirmam Bergestein (2014), Bion (1977/1981) e Botella e Botella (1983/2002), que o mais importante não estaria no conteúdo dos sonhos, mas na possibilidade de sonhar como um possível “método de comunicação” capaz de atravessar cesuras entre níveis de diferentes complexidades, entre pensamentos pós-natais e estados pré-natais, “no qual pensamentos e ideias têm sua contraparte em tempos ou níveis de mente onde eles não são pensamentos e nem ideias”. (Bion, 1977/1981, p.127). Compreendi este sonhar incluído em uma série de movimentos da analista em busca de encontrar sua analisanda.

Assim, destaquei o que trouxe como hipótese de um tropismo da analista, que, ampliando seu campo de movimentação em direção à Beatriz, teve de “sair do lugar” tradicional de espera, voltar-se para o que se passaria “antes da entrada” da analisanda, procurando-a no caminho. Nesse processo, o “surgimento de Beatriz” passou por um movimento da e na analista de criar métodos de comunicação entre estados mentais de sua própria mente, e de alguma forma de comunicação dessa possibilidade à analisanda.

Tive ainda um último sonho com Beatriz que, penso, relaciona-se com essa ideia citada acima, do método de comunicação, do processo de criar e da função do sonhar. Registrei o sonho dessa maneira:

Sonho que vou até a cozinha e lá encontro minha mãe ensinando Beatriz a cozinhar. Eu observo. Depois, Beatriz me diz: sua mãe me contou que ela sonhou comigo; por isso estava me ensinando a cozinhar. A ideia que está presente é de que, antes do acontecimento, minha mãe sonhara e acreditara que Beatriz podia cozinhar!

Em relação a minha experiência com Beatriz, bem como com este trabalho, eu poderia utilizar-me do sonho para dizer algo mais ou menos assim: Sonhei que eu tinha uma “mãe” que sabia sonhar. Essa “mãe” em mim, antes que eu me desse conta, alcançou e sonhou Beatriz. Essa “mãe” ousou sonhar que Beatriz pudesse não existir. E ousou sonhar que Beatriz pudesse existir. Sonhou que se podia transmitir o aprender a “cozinhar”. Sonhou que Beatriz podia sonhar.

¿Y si yo pudiera entrar en su vida? Sobre los movimientos mentales de la analista en búsqueda de la analizante

Resumen: Este trabajo trata de examinar un movimiento observado en la analista, llamado aquí “búsqueda del analizando”, aproximándolo al concepto de tropismo propuesto por Bion (1992/2000). Interpretado como una necesidad de movimiento partiendo de la analista con la finalidad de encontrar creativamente a su analizanda, este movimiento pasa por la creación de condiciones en la mente del analista para acceder y conjeturar sobre dimensiones mentales muy primitivas. Los sueños nocturnos de la analista (inicialmente pesadillas) se consideran puentes para atravesar cesuras entre diferentes estados mentales.

Palabras claves: Cesura, comunicacion preverbal, creacion, sueño, tropismo.

What If I could be part of your life? On mental movements for finding the analysand

Abstract: This paper tries to examine the analyst's mental movements towards the search of her analysand, in the moments when it is wondered if there is a predominance of the functioning in very primitive dimensions of the mind. The author relates such movements to the concept of tropism proposed by Bion (1992/2000), focusing on the possibility of a tropism on the part of the analyst where the action goes in the direction of creating and/or being created. The analyst's nocturnal dreams, initially nightmares, are considered as bridges to cross caesuras between different mental states and are included in this process of creating ways that lead to the emotional encounters with the analysand and which may favor psychic births.

Keywords: Caesura, pre-verbal communication, primitive mind, dream, tropism.

Referências:

- Bergstein, A. (2014). Transpor a cesura – Reverie, sonhar e sonhar na contratransferência. *Livro Anual de Psicanálise*. Tomo XXIX, 129-152. São Paulo: Escuta.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15 (2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977).
- _____. (1991). *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- _____. (1994). Uma Teoria Sobre o Pensar. In *Estudos Psicanalíticos Revisados – Second Thoughts*. Ed. 3. (pp.127-137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- _____. (2000). Os tropismos. In *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original em 1992).
- Botella, C. & Botella, S. (2002). Figurabilidade e não-representação: quatro casos. In *Irrepresentável: mais além da representação* (pp.26-37). Rio Grande do Sul: Criação Humana. (Trabalho original publicado em 1983).

Buarque, C. & Lobo, E. (1983). *Beatriz*. LETRAS. MUS.BR.(s.d.). Recuperado em 15 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45115/>

Corrêa, M. L. P. (2008). Os tropismos: parteiros das cesuras matrizes da vida mental. *Revista Latino-americana de Psicoanálises*, 8, 71-89.

Frochtengarten, J. (2010). É preciso ser psicanalista. É preciso? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (2), 45-53.

Marques, T. H. T. (2013). Sobre o senso de inexistência: uma área em Reserve. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47 (1), 99-110.

Montagna, P. (2011). Tropismos na clínica: tropismo de vida e tropismo de morte. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (3), 109-118.

Ribeiro, P. M. M. (2013, 07 de agosto). *Ser ou Não Ser "O" no setting atual*. Trabalho apresentado em reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

Denise Zanin
Rua Bernardino de Campos, 1001. Sala 409. Centro. Ribeirão Preto – São Paulo
Tel.: (16) 3024 1748
denisezanin@gmail.com

Antes de nascer o mundo psíquico: Conjecturas sobre mente embrionária e nascimento psíquico

Ana Márcia Vasconcelos de Paula Rodrigues¹, Ribeirão Preto.

Resumo: A autora investiga as origens do mundo psíquico a partir da interação de funções mentais denominadas capacidade de sentir e de pensar, destacando, como condição pioneira essencial para a contínua construção psíquica, o predomínio da capacidade amorosa da dupla analítica ou da diade mãe-bebê. Ilustra suas conjecturas através de modelos extraídos do trabalho psicanalítico com um analisando que sofreu colapso psicótico, expondo fragmentos clínicos que sugerem manifestações de dimensões protomentais e movimentos rumo a cesuras psíquicas. Utiliza o ato do nascimento físico como analogia para o nascimento psicológico; correlaciona os modelos digestivo e placentário do pensar, alinhados ao pensamento de W. R. Bion, com o material clínico. Evidencia a expansão oferecida pelo modelo placentário para a apreensão e manejo da técnica psicanalítica contemporânea, ao priorizar “trocas” entre consciente e inconsciente, analista e analisando, embrião e adulto.

Palavras-chave: Cesura; modelo digestivo do pensar; modelo placentário do pensar; nascimento psíquico; protomente; *rêverie*.

Introdução

“O “pensar”, no sentido de se envolver com a atividade que se relaciona ao uso dos pensamentos, é embrionário, mesmo no adulto, e precisa ainda desenvolver-se amplamente na raça” (Bion, 1962, p.10).

Havendo uma multiplicidade de caminhos para investigar o tema das origens do mundo psíquico, escolhi a contribuição fundamental de alguns autores, particularmente de Bion, sobre funções mentais correlacionadas principalmente com a capacidade de sentir e de pensar, observando o interjogo entre as mesmas.

Dentre a capacidade para sentir, destaco a capacidade de amar como condição pioneira essencial para o nascimento do mundo psíquico e para a capacidade de pensar, no ciclo contínuo e dinâmico de criação da mente.

¹Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.